

Expresso

Actual

21-01-2012

Periodicidade: Semanal

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional

Tiragem: 131300

Temática: Cultura

Dimensão: 932

Imagem: S/Cor

Página (s): 26/27



MÚSICA

Habemus Tannhäuser!

Johan Botha triunfa na Gulbenkian; Guy Joosten armadilha um "Cosi" irrelevante no São Carlos

Jorge Calado

Óperas de Mozart e Wagner entrelaçadas em Lisboa em simultâneo é um luxo a que não estamos habituados. Percebe-se qual era a mais necessária: o "Cosi fan tutte" (1790) tem sido feito regularmente em São Carlos, desde a estreia em 1958 (a última vez há cinco anos, na produção inesquecível de Mario Martone); o "Tannhäuser" (1845/47) aconteceu uma vez (1993) nos últimos 40 anos. (Note-se ainda que há óperas importantes de Mozart por estrear em Portugal.) A raridade do "Tannhäuser", mesmo em palcos estrangeiros, tem uma explicação: a dificuldade de encontrar um tenor heroico capaz de arcar com o protagonista. Diga-se já que a Gulbenkian trouxe o sul-africano Johan Botha, vocalmente o melhor Tannhäuser dos últimos 50 anos em qualquer parte do mundo. Só por isto, valia a pena! Notei, aliás, na sala, a presença de Eva Wagner-Pasquier, a bisneta do compositor e atual codiretora do Festival de Bayreuth. Num exercício de inversão simétrica, o São Carlos montou o pior "Cosi" de que há memória em Lisboa.

Ambas as óperas são escolas de amor: amores sacro e profano, na mais medieval das óperas de Wagner; experimentação e troca de amantes, na mais psicológica das óperas de Mozart. Aliás, o título original de Lorenzo da Ponte, "La scuola degli amanti", sucede a várias ligações perigosas, incluindo as de Choderlos de Laclos, em 1782. Nem tudo foi perfeito na Gulbenkian. Para começar, falta à Orquestra traquejo wagneriano. Por outro lado, não posso esconder o desapontamento com a direção de Bertrand de Billy, apesar das suas credenciais no repertório germânico: a partitura soou pálida e pouco fremente de emoção, e a densidade relativa dos naipes e a dinâmica geral pareceram-me mal calculadas. Mesmo assim, houve coisas muito boas — por exemplo, a retoma do motivo dos peregrinos logo na abertura (excelente de-

senho das figurações das cordas), e toda a segunda parte do II ato (apesar do corte incrível do final). Em compensação, o Coro portou-se brilhantemente (em especial, o sector masculino), justificando plenamente a programação desta ópera a um ano do bicentenário do nascimento de Wagner (2013).

O protagonista resulta da confluência de dois menestres do século XIII, a meio século de distância: Heinrich von Ofterdingen (derrotado no concurso de Wartburg, na Turingia, em 1207) e Tannhäuser (associado a Vénus, que terá estado ativo na segunda metade do século). Wagner, aliás, atribuiu o

nome próprio de Heinrich a Tannhäuser, e refere o concurso de canto no título completo da ópera — "Tannhäuser und der Sängerkrieg auf Wartburg". Outros personagens históricos do libreto são Hermann (o Landgrave da Turingia), Santa Elisabeth da Hungria e os poetas Wolfram von Eschenbach e Walther von der Vogelweide. Wolfram tem uma presença destacada, cabendo-lhe um dos trechos mais conhecidos (e belos) da ópera — o hino em louvor da estrela vespertina (por sinal, Vénus). Requer um cantor com a musicalidade poética do *Lied*, mas que tenha também a densidade e pu-

jança vocais capazes de aguentar a orquestração wagneriana. Job Arantes Tomé exibe uma frescura tímbrica e musicalidade atraentes, mas tem de forçar e espremer-se para se conseguir bater com o coro e orquestra, tornando-se inaudível em muito do III ato. Julgo que Luís Rodrigues (Biterolf) se sairia melhor da contenda (ou Vaz de Carvalho, a contas com o Don Alfonso do "Cosi"). Tomé, por seu turno, teria sido um excelente Guglielmo.

O elenco contou ainda com os desempenhos muito estimáveis de Falk Struckmann (Hermann) e de Jun-Sang Han (Walther). A postura



ANTÓNIO PEDRO FERREIRA

de Manuela Uhl (Vénus) vai bem com o cromatismo venéreo da primeira cena da ópera, mas faltam-lhe os graves sensuais, imprescindíveis mesmo nesta versão de Dresden. A excelente Melanie Diener, pelo contrário, revelou-se uma Elisabeth algo baça (com os olhos na partitura). O bonito timbre de Ana Maria Pinto (Jovem Pastor) casou-se bem com o solo de corne inglês. O triunfador da tarde foi, sem dúvida, Botha — um verdadeiro tenor sem excrescências baritonais, brilhante nas tiradas lancinantes do final do II ato, incansável na Narração de Roma do III (e o único que olhava para os outros cantores e parecia sentir o papel). No final, subiu justamente ao pódio magistral para receber os aplausos delirantes dos outros músicos e do público. Melhor que em Bayreuth!

Entretanto o São Carlos estreava um "Così fan tutte" completamente desnecessário e, no processo, reduzia-se à sua irrelevância. Há cinco anos, Martone mostrou que são só precisas duas camas — uma de pau e outra de ferro — e a inteligência do encenador

para nos dar uma lição de amor; agora importou-se uma produção caricata de Guy Joosten (para a Vlaamse Opera, em 1997). A propósito, quando é que o São Carlos começa a rentabilizar as suas próprias produções, em vez de as deitar fora? Nos grandes teatros, as produções duram décadas, poupa-se dinheiro e ninguém se queixa. Joosten arma um grande hotel (cenários de Johannes Leiacker), enche-o de figurantes, põe o *groom* a levar e a trazer malas escada abaixo e escada acima, diz aos cantores para saltarem para cima das cadeiras e sofás, e Mozart e Da Ponte que se lixem. Como não tem ideias que valham, pede a toda a gente para se mexer, apalpar, saracotear, entrar e sair. Na sala, sentia-se o enfado. À boca de cena, uma coisa em forma de bosta era, afinal, a pedra mesmérica! Tentei fechar os olhos, mas como a maior parte dos cantores não tinha queda ou experiência mozartiana, também não resultou. As exceções foram Jorge Vaz de Carvalho (Don Alfonso), de voz seca (no início), mas com autoridade e estilo, e um aproveitável Shawn Mathey (Ferrando). O resto soava a ensaio de Conservatório de província. Pena, até porque a direção musical e acompanhamento ao cravo dos recitativos, por Erik Nielsen, não desmereceram. No II ato vira o cenário (da esquerda para a direita ou vice-versa) e faz o mesmo. Quando o *groom* mais o rececionista voltaram a levar, pela enésima vez, as mesmas malas (vazias, como a cabeça dos responsáveis), escada cima, soltei o grito do Ipiranga e pirei-me. Escrevo estas linhas ao som da gravação de John Eliot Gardiner para a Archiv — precisamente a produção que passou pelo São Carlos em 1992. Ah, esquecia-me de um aspeto positivo: o primeiro-ministro assistiu à récita e chegou a horas. ▀



★★★★

WAGNER: "TANNHÄUSER"

Botha, Diener, Uhl, Struckmann, Tomé, De Billy (d), Orquestra e Coro Gulbenkian Gulbenkian, Lisboa, dia 15

★

MOZART: "COSÌ FAN TUTTE"

Romeu, Francesconi, Merino, Mathey, Melo, Vaz de Carvalho, Joosten (e), Leiacker (c), Nielsen (d), Orquestra Sinfónica Portuguesa Teatro Nacional de São Carlos, Lisboa, dia 17 (Últimas récitas: amanhã, 16h, e terça, 20h)